



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

DIE ABENTEUER DES PRINZEN ACHMED / 1926

(As Aventuras do Príncipe Achmed)

um filme de Lotte Reiniger

Realização: Lotte Reiniger, com a colaboração de Walter Ruttmann / Fotografia: Carl Koch / Produção: UFA / Cópia digital, com intertítulos em alemão, legendada em português / Duração: 69 minutos a 24 fps.



Em 1926, as técnicas de animação não eram novidade. Para não falar já nos desenhos animados que precederam o animatógrafo, o uso combinado dos dois processos – através da filmagem imagem por imagem – começara a fazer-se muito antes nos EUA e em França (por Blackton em 1907 e por Émile Cohl em 1908, respectivamente). Porém, o que era novidade, isso sim, era a realização de uma longa-metragem inteiramente construída por este processo. Cerca de 13 anos antes da **Branca de Neve** da Disney, num outro espaço e com outros objectivos, Reiniger abria assim toda uma tradição cinematográfica em que o seu nome nem sempre é recordado.

Tendo começado a trabalhar como desenhadora, Lotte Reiniger integrara-se desde muito cedo na vanguarda alemã, ligando-se a Carl Koch (seu marido) e a Berthold Bertasch, que vieram ambos, com Ruttmann, a colaborar em **Achmed**. O seu primeiro filme datava de 1919 e era já uma combinação de desenhos animados e sombras chinesas (**Das Ornament des Verliebten Herzens**, aquilo a que a autora chamava então “um filme abstracto”). E foi em 1924, depois de várias outras curtas-metragens, que começou a trabalhar na obra que hoje vemos, que lhe tomou dois anos de trabalho.

As Aventuras do Príncipe Achmed, que se baseiam na “Lâmpada de Aladino” das “Mil e uma Noites”, surgem assim integradas no movimento de vanguarda de um Ruttmann ou de um Richter, buscando numa técnica experimental – e embora não propriamente abstracta – a mesma ideia da “arte pura” ou “absoluta”. A técnica das silhuetas, vindo mais uma vez recordar a velha herança das sombras chinesas remete ainda para certos efeitos expressionistas – não nos esqueçamos das **Sombras** de Robison – mas pouco tem a ver com tais intenções. Ao mesmo tempo, porém, liga o desenho animado à tradição de busca estética e formal que, por exemplo, o distancia das correntes americanas. A propósito dos seus belos e imaginativos desenhos, assim como da incessante transfiguração que lhes deu Reiniger, falemos então sobretudo de uma grande dimensão romântica e de uma certa “feérie”, onde o lado exótico e “oriental” se liga a uma incontida “loucura cinematográfica”. Por outro lado, vivendo embora de uma técnica de superfície – onde a profundidade de campo estaria arredada por excelência – as silhuetas não deixam de buscar na iluminação que as sustenta múltiplas nuances de contornos. Não falando já dos efeitos que complementam as próprias silhuetas (as nuvens ou o mar, por exemplo, sobrepondo-se em níveis de profundidade diferentes) há de facto subtis variações na maneira como os contornos são definidos, dando-lhes nomeadamente certos recortes de sensualidade. Desta sensualidade das figuras, da sua delicadeza poética – a cena dos animais na floresta junto ao lago – da referida transfiguração permanente – as mutações animais das personagens em luta – ou dessa “impossibilidade” feérica que só o cinema permite – um cavalo que desce das nuvens e pousa delicadamente sobre as ameias de um palácio... – é então feita esta maravilhosa (duplamente maravilhosa, porque é da “lâmpada” e das noites de Bagdad que se trata) experiência cinematográfica.

José Manuel Costa